



III FÓRUM DE
EDUCAÇÃO
Região Metropolitana
do Vale do Paraíba



III CONISE
III Congresso Internacional
Salesiano de Educação



4º Seminário
PIBID

Direitos Humanos e Formação de Professores:
tensões, desafios e propostas

23/24/25
OUTUBRO 2017



A Acessibilidade e a Comunicação como forma de Pertencimento ao Espaço Escolar: relato sobre a construção de um vídeo educacional

Accessibility and Communication as a form of Belonging to School Space: report on the construction of an educational video

Luciane Maria Molina Barbosa¹

Juçara Maria Lemes Giffoni Avila Santos²

Mariana Aranha de Souza³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever as etapas de construção de um vídeo educacional diante das propostas de uma comunicação inclusiva. Trata-se de um produto midiático apresentado como requisito avaliativo da disciplina Escola, Currículo e Diversidade, ministrada no programa de pós-graduação em educação de uma universidade no Vale do Paraíba. O vídeo que retrata a diversidade de gênero e de raça na escola, foi elaborado fazendo o uso de diferentes linguagens audiovisuais, incluindo narração, imagens, sonoplastia, legenda, janela de libras e audiodescrição. A escolha

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas sociais da Universidade de Taubaté – UNITAU; Especialista em atendimento Educacional especializado – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP/SP; Especialista em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade – Universidade Federal de Itajubá, UNIFEI/MG; Pedagoga – Organização Guarã de Ensino; é professora Brailleista com atuação na educação especial inclusiva e na formação de professores da educação básica; já atuou com políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e do Idoso de Caraguatatuba; foi presidente do COMDEFI, Conselho da Pessoa com Deficiência de Caraguatatuba; Venceu o IV Prêmio Sentidos na categoria júri popular por causa de sua atuação no segmento da inclusão e diversidade. E-mail: lucianemolina.mestrado@gmail.com

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas sociais da Universidade de Taubaté – UNITAU; Especialista em Gestão Escolar pela Universidade federal de São Carlos (UFSCAR-SP) e em Gestão e Recursos Humanos pela Universidade Salesiana - UNISAL-SP; Graduação em Pedagogia e em geografia pela Universidade salesiana (UNISAL-SP). É diretora de escola, atuando como funcionária pública concursada desde 2002 pela Secretaria Municipal de Educação de Piquete, SP. E-mail: jucaragavila@gmail.com

³ Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pedagoga pela Faculdade Maria Augusta Ribeiro Daher. Pesquisadora do GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas sociais da Universidade de Taubaté – UNITAU. Assessora Pedagógica do Núcleo de Educação à Distância da Universidade de Taubaté – UNITAU. E-mail: profa.maaranha@gmail.com

pelos recursos de acessibilidade foi fundamental para que uma das autoras do trabalho, que é deficiente visual, pudesse participar de todo o processo criativo de elaboração. Conclui-se que a inclusão só fará sentido quando os diferentes recursos estiverem agregados em uma única obra, sem fragmentá-los em formatos independentes, isolando a imagem em contraposição ao som.

Palavras-chave: educação inclusiva; pessoa com deficiência visual; audiodescrição.

ABSTRACT

This article aims to describe the steps of building an educational video in the face of proposals for inclusive communication. It is a media product that will be presented as an evaluation requirement of the subject School, Curriculum and Diversity, taught in the graduate program in education of a university in the Paraíba Valley. The video that portrays the diversity of gender and race in the school, was elaborated using different audio-visual languages, including narration, images, sound design, legend, pounds window and audiodescription. The choice of accessibility resources was fundamental so that one of the authors of the work, who is visually impaired, could participate in the entire creative process of elaboration. It is concluded that inclusion will only make sense when the different resources are aggregated into a single work, without fragmenting them into independent formats, isolating the image against the sound.

Keywords: inclusive education; Person with visual impairment; Audio description.

1. INTRODUÇÃO

Faz-se necessário o entendimento de que o processo inclusivo pertence aos espaços em que diferentes pessoas interagem, em destaque, o ambiente acadêmico. A presença de estudantes com deficiência no ensino superior e, conseqüentemente, nos programas de pós-graduação, é uma realidade recente e ainda demanda uma ruptura de paradigmas, sobretudo na academia, em que a valorização está nos sujeitos com deficiência, muito mais como foco das pesquisas, do que como sujeitos que pertencem diretamente a esses espaços.

Uma das dificuldades encontradas por estudantes com deficiência visual no ensino superior relaciona-se com a visualidade presente nos conteúdos, no material didático, nos gestos e nas falas dos professores, que, vez ou outra, deixam de contemplar esse público, talvez por não estarem acostumados a se depararem com tal desafio. Converter as linguagens gestuais e imagéticas em algo que possa ser compreendido pelos outros sentidos, senão a visão, requer o entendimento de como os cegos elaboram suas percepções por meio dos conceitos formulados pela fala, por exemplo.

Grande parte da sociedade, que não possui familiaridade ou não atua na área da deficiência, promovendo a cidadania e inclusão social, utiliza o termo "portadoras de deficiência" ou "portadoras de necessidades especiais" para designar alguém com deficiência, na maioria das vezes, desconhece que o uso de determinada terminologia pode reforçar a segregação e a exclusão. Cabe esclarecer que o termo "portadores" implica em algo que se "porta", que é possível se desvencilhar tão logo se queira ou chegue-se a um destino. Remete, ainda, a algo temporário, como portar um talão de cheques, portar um documento ou ser portador de uma doença. A deficiência, na maioria das vezes, é algo permanente, não cabendo o termo "portadores". Além disso, quando se rotula alguém como "portador de deficiência", nota-se que a deficiência passa a ser "a marca" principal da pessoa, em detrimento de sua condição humana (GUEDES, 2015).

Cabe aqui ressaltar que, os movimentos mundiais de pessoas com deficiência, incluindo os do Brasil, debateram o nome pelo qual elas desejam ser chamadas.

Mundialmente, já chegaram a um consenso: querem ser chamadas de “pessoas com deficiência” (física, intelectual, auditiva, visual) em todos os idiomas. E esse termo faz parte do texto aprovado pela Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, em 2006, na Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU, 2006), acrescentamos que, não está incorreta a terminologia cega por exemplo, para as pessoas com deficiência visual, por essa razão a utilizamos no artigo em tela.

Os autores Lima (2008) e Motta (2015) esclarecem que a relevância, a escolha do vocabulário, as pausas e a objetividade são exemplos de escolhas que precisam estar muito bem definidas para quem descreve para uma pessoa com deficiência visual, emprestando seus olhos sem que suas percepções interfiram no entendimento daquela cena por quem a constrói através dos outros canais sensoriais.

Nesse sentido, a presença de um aluno com deficiência visual na sala de aula, seja ela de qual nível de ensino for, não deve gerar insegurança e nem receio ao professor. Entretanto torna-se necessário que os docentes e discentes dialoguem para que juntos possam encontrar estratégias de pertencimento do grupo às atividades planejadas, sem que a inclusão signifique abandonar alguns recursos em favor de outros. A redefinição de metodologias deve representar, para toda a turma, um ganho na qualidade por meio do uso de múltiplas linguagens, contemplando as diferentes formas de aprendizagens aos moldes do que seria uma pedagogia inovadora. Não cabendo, porém, exclusividades ou adaptações individualizadas para uma minoria.

Ao se depararem com a proposta da elaboração de um vídeo como requisito avaliativo da disciplina do curso de mestrado, alguns questionamentos surgiram entre as autoras, não no sentido de confrontar o que estava sendo sugerido, mas como seria a forma de encontrar soluções coerentes àquela realidade de pertencimento.

Questiona-se como uma estudante cega poderia realizar a atividade sem que para isso precisasse abrir mão das imagens? Será que a construção de uma peça midiática sem o texto imagético seria suficiente para transmitir a mensagem para os demais colegas de sala? Será que ao privá-los de enxergar nós estaríamos promovendo a inclusão ou seria uma inclusão ao reverso?

As ideias foram então compondo um repertório de possibilidades que, aos poucos, deram forma ao produto final. Elaborar um vídeo com diversos recursos de acessibilidade requer um planejamento e o movimento de pesquisa intenso, sem que se perca a essência da mensagem que será transmitida e, ao mesmo tempo, que se tenha coerência entre as diferentes linguagens midiáticas. Sendo assim, o objetivo deste artigo é descrever as etapas de elaboração deste vídeo, demonstrando as escolhas que resultaram numa oportunidade singular e coletiva de apreciação de um produto contendo som, imagem, legenda, janela de libras e audiodescrição. Uma obra que foi concebida com plena acessibilidade.

2. ACESSIBILIDADE A INFORMAÇÃO PELA PESSOA CEGA

Somente no final do século XX que se alargaram as iniciativas de acessibilidade comunicacional às pessoas com deficiência visual, visto que as tecnologias apoiaram o aparecimento de novos suportes informacionais, não só quanto ao uso dos computadores. Outras mídias que se fizeram presentes no cenário mundial, trouxeram a possibilidade de armazenar e disseminar rapidamente a informação em tempos e em espaços distintos.

O rádio, a televisão, as fitas K7, os CDs/DVDs, a internet, passaram a servir também de suporte aos livros como recursos pedagógicos. No estágio atual de tecnologia, o suporte papel é apenas uma das formas de veiculação da informação. Hoje, encontramos suportes impresso, áudio, digital, visual, hipertextual e muitos outros. Também surgem nesse contexto as chamadas tecnologias assistivas, que “[...] é todo e qualquer recurso utilizado para proporcionar melhor acesso e em consequência aumentar a independência e inclusão do deficiente” (BERSCH, 2008). Sua finalidade é facilitar o uso desses meios de leitura, seja textual, imagética ou sonora.

A ideia de que as pessoas cegas não estariam limitadas exclusivamente ao uso do Braille, conforme descrito por Jannuzzi (2004), também é recente. É certo que o aparecimento de sistemas baseados na conversão do texto escrito para o texto falado foi o principal responsável para a inclusão dessa demanda.

Conforme Borges (2009), somente a partir da criação do sistema Dosvox que um estudante cego conseguiu ter suas tarefas escolares lidas, ao mesmo tempo em que eram

produzidas. Isso porque o Dosvox e outros tantos softwares existentes no mercado tiflológico, reproduzem simultaneamente em áudio o conteúdo visível na tela.

De certa forma, ao transportar para a audição a capacidade de enxergar, também se passou a considerar que a aprendizagem para quem não recorre a visualidade é possível mediante a experimentação de recursos imagéticos que lhes são instigados pela verbalização dos conceitos, fortalecendo assim a relevância da audiodescrição.

Corroborando a ideia de que os estudantes com deficiência visual aprendem e apreendem melhor se submetidos às experiências com imagens, desde que elas se configurem em elementos acessíveis, Lima (2008), afirma que na área das imagens, essas pessoas são capazes de entendê-las. Os limites podem ser superados com, por exemplo, a provisão da audiodescrição dos eventos visuais e não somente com a eliminação da visualidade, defendida por alguns docentes que acreditam na supremacia da visão. Assim a busca de recursos assistivos, garantidores da acessibilidade comunicacional precisa ganhar o reforço da audiodescrição.

Na mesma direção, Siaulys (2006) *apud* Motta (2015), afirma que os alunos com deficiência visual possuem necessidades específicas com relação a interação e a comunicação, portanto dependem de recursos e procedimentos diferenciados no processo de ensino-aprendizagem contando, principalmente, com professores e colegas dispostos a ajudá-los a ampliar suas experiências e a construir imagens pela descrição do entorno. Para ela, a linguagem verbal é um meio importante para a aquisição do conhecimento, compensando, de certa forma, as informações visuais que não podem ser observadas.

A audiodescrição consiste na narração clara e objetiva de tudo aquilo que não pode ser percebido pelas pessoas que não enxergam. É a tradução das imagens em palavras. E este recurso é defendido neste artigo como a maneira mais democrática de empoderamento e como uma ferramenta capaz de materializar conceitos e imagens como se fossem esculpidas na mente com palavras.

As pesquisas em audiodescrição defendidas por Motta (2015) mostram que a descrição de personagens, figurinos, cenários, dentre outros elementos visuais auxilia o entendimento do enredo de filmes e peças teatrais. Além disso, a descrição de quadros, peças de museus, exposições, histórias em quadrinho, mapas, gráficos, entre outros,

permite que a pessoa com deficiência visual forme a imagem em sua mente. A autora ainda relata que esse recurso de acessibilidade tanto para elementos estáticos quanto para conteúdos dinâmicos, já pode ser encontrado em alguns países, como Reino Unido, Alemanha, França, Bélgica, Canadá, Argentina, Estados Unidos, Espanha e Brasil.

Nas produções midiáticas que se servem como ferramenta pedagógica, foco da nossa análise, a audiodescrição figura como um elemento imprescindível de garantia de acesso equânime aos conteúdos. Diferente de como hoje é apresentada, antes da sua formalização, a audiodescrição era informalmente praticada como uma mera narração de eventos visuais, a partir de seus professores, pais e amigos, os quais descreviam para as pessoas cegas na escola, nos espaços culturais e mesmo nos ambientes familiares (LIMA, 2008). Grande exemplo é demonstrado quando da viagem ao espaço surge a frase "A Terra é azul!". Da perspectiva do astronauta, apenas ele enxergara o planeta do jeito que se mostrava e, descreveu-o para que todos, através do seu olhar, pudessem experimentar essa visualidade imagética.

Temos percebido que embora a audiodescrição já esteja presente e formalizada em diferentes países, ainda não é possível afirmar que o Brasil adote uma diretriz padrão para a elaboração dos roteiros, embora se reúna o que há de melhor para cada situação em que a audiodescrição se serve. Por exemplo, se a audiodescrição pretende apresentar uma videoaula cuja ação seja relevante, as escolhas tradutórias serão concentradas nos verbos e nos movimentos. Já ao elaborarmos um roteiro de uma imagem estática, de um material didático, por exemplo, a atenção será dada aos detalhes, como traços, cores, organização dos elementos, fisionomias, vestuários, enfim, tudo o que for auxiliar o estudante cego na leitura global e textual daquela imagem.

Nesse caso, a escolha tradutória mais coerente ao vídeo produzido pelas pesquisadoras foi aquela cujos detalhes foram priorizados, justamente por se tratar de uma montagem com imagens estáticas. As autoras concordam com Jimenez Hurtado (2007), ao estabelecer alguns parâmetros de audiodescrição para os elementos estáticos, tais como os atributos físicos do personagem, idade, etnia, aspectos do estado emocional e da expressão facial, vestuário e linguagem corporal, além da localização espacial e ambiente que interage com o personagem naquela obra. Assim, a garantia do entendimento da obra audiodescrita reside na leitura que o espectador fará dos elementos trazidos pela audiodescrição, já que o trabalho do audiodescritor não consiste

na interpretação nem na antecipação de informações. Cabe a ele traduzir as imagens de maneira objetiva, clara e concisa, disponibilizando a sua narração nos intervalos e nas pausas em que não haja sobreposição de falas.

No entanto, a audiodescrição, como recurso que colocaria a pesquisadora cega em contato com as etapas de produção do vídeo-montagem, não foi o principal argumento encontrado para justificar tal escolha. Isso porque seria incoerente promover a sua inclusão, anulando o direito dos demais estudantes de serem submetidos às imagens, assim como foi a proposta do trabalho. Segundo Mantoan (2001, p. 56) “não lidar com as diferenças é não perceber a diversidade que nos cerca, os muitos aspectos em que somos diferentes uns dos outros”, portanto, cabe salientar a importância de se promover uma educação que respeite a diversidade, oportunizando a construção do conhecimento de maneira igualitária.

O respeito à diversidade como uma forma de se promover inclusão também está presente na mensagem transmitida pelo vídeo produzido, ao abordar o tema racial e de gênero, cujo combate à discriminação tem como objetivo contribuir para a não reprodução das desigualdades e para a não violência (MOLINA; GIFFONI, 2017).

As autoras ainda afirmam no vídeo que a diversidade é uma dentre tantas riquezas da humanidade, por isso, respeitar as diferenças é um compromisso que todos firmamos com a aprendizagem. Diante desse compromisso, constataram que, embora a presença de mestrandos com deficiência auditiva não seja a realidade atual nesta universidade, acharam por bem inserir mais dois recursos de acessibilidade, sendo eles a legenda e a janela de libras. Pois somente dispoño de todas as linguagens elas podem considerar que um produto seja plenamente acessível.

A janela de Libras é definida pela NBR 15.290 (ABNT, 2005) como um “espaço delimitado no vídeo onde as informações veiculadas na língua portuguesa são interpretadas para libras, que é reconhecida, desde 2002, como a língua oficial dos surdos não oralizados”. Para quem só foi alfabetizado em libras, em vez de serem transcritas, as informações presentes no canal de áudio são traduzidas ao mesmo tempo pelo intérprete que aparece numa janela menor, ao lado inferior da tela.

A seguir as autoras descrevem as etapas que consistiram no planejamento e na execução do vídeo-montagem, ratificando o caráter interdisciplinar da inclusão, que

diferentemente do que se propõe no campo acadêmico, tal prática serve para evidenciar a transversalidade dessa proposta, que coube em um tema diferente daquele usualmente praticado.

A inclusão pertence a todos os temas, desde que ofereça condições de acesso e, neste caso, permita que todos usufruam da obra, fazendo as leituras coerentes e significativas às realidades visuais e auditivas.

3. A COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

A proposta de elaboração de um vídeo que pudesse comunicar sobre os diversos temas abordados na disciplina Escola, Currículo e Diversidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, em caráter de *stricto sensu*, da Universidade de Taubaté - UNITAU, veio compor o repertório de atividades avaliativas para o encerramento do primeiro semestre de 2017, com os seguintes critérios:

- a) Escolher um dos temas, de forma que cada tema seja distribuído para apenas um grupo;
- b) Cada grupo, a partir do seu tema, deveria criar um vídeo de até 3 minutos, autoexplicativo e criativo sobre o tema.

Segundo as docentes que ministraram a disciplina, seriam avaliados no trabalho o conteúdo do vídeo e a forma como foi organizado, a partir dos critérios de criatividade e comunicação. Os temas sugeridos teriam como finalidade despertar a reflexão acerca dos conceitos trabalhados em sala de aula, organizados a seguir:

1. Escolas Sustentáveis e Resilientes;
2. Escolas Inovadoras: um olhar sobre a personalização do ensino;
3. Escola, identidade e cultura;
4. A interdisciplinaridade enquanto conceito polissêmico: três lógicas culturais;
5. Teorias de Currículo;
6. As questões de gênero e de raça na escola;
7. Educomunicação;
8. Políticas públicas de inclusão e o cotidiano da escola;
9. Educação do Campo.

A partir da proposta, que foi disponibilizada num grupo em uma rede social e também no espaço de armazenamento em nuvem, os mestrandos tiveram cerca de 20 dias para a elaboração do produto final, sendo que tanto a formação das duplas/trios como a escolha dos temas ocorreram de forma democrática. As autoras se organizaram em dupla, conforme a proximidade geográfica entre as cidades que residem e escolheram o tema de número 6, pois os que lhes eram de interesse já haviam sido preenchidos anteriormente, como foi o caso do tema de número 8, ao abordar o processo de inclusão e as políticas públicas e o de número 2, que abordaria as escolas inovadoras. Porém, as questões de gênero e de raça na escola também revelam grande proximidade com a linha de pesquisa Inclusão e Diversidade sociocultural trabalhada pelas autoras ao longo do programa de pós-graduação. Foi assim que começaram a planejar a montagem do vídeo, que deveria contemplar formas criativas de comunicar sobre aquele determinado assunto, sem esquecer-se de que suas próprias trajetórias também influenciariam nessa composição.

O fato de uma das pesquisadoras ser cega representou mais um grande desafio (e não um impedimento) nessa composição, já que a linguagem imagética como um *link* textual entre a fala e a escrita, também deveria estar presente em todas as etapas que envolveriam a organização e a execução da atividade, desde o planejamento para as escolhas dos elementos visuais, sonoros e textuais, até o momento em que o vídeo fosse exibido em sala de aula.

Deste modo, a própria autora cega esclarece-nos que o seu pertencimento ao mundo sem o acesso visual às imagens, não poderá anular o direito do outro em contemplá-las. Isso porque segundo o que defende Vygotsky (1995), a cegueira não significa viver no mundo de olhos vendados, trazendo a ideia de que a supremacia da visão não se serve exclusivamente como parâmetro definidor de capacidades ou, no caso, que a falta da visão não sirva como parâmetro de diferenciação, de isolamento entre as pessoas que pertencem a um grupo social, já que conforme o próprio autor defende, as relações sociais são definidoras de estratégias que favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem desses sujeitos.

Partindo desse entendimento, as autoras descartaram a primeira sugestão, quando pensaram, a princípio, em um vídeo que retratasse a cegueira como ausência de

imagens. Não faria sentido, desse modo, abrirem mão de um recurso textual imagético, mesmo que isso representasse uma tentativa para se fazer inclusão.

As autoras partiram então de ideias mais totalizadoras, baseadas no princípio da acessibilidade pelo paradigma da inclusão, que segundo Sasaki (2005), consiste num novo caminho para uma escola de qualidade e verdadeiramente preocupada com todas as pessoas, sem barreiras que impeçam uma participação equânime em todos os seus espaços. Entretanto discordam dele ao considerarem que o processo inclusivo é feito dialeticamente, quando a sociedade é modificada para atender às necessidades dos sujeitos com deficiência, ao mesmo tempo em que esses sujeitos também são ouvidos e dialogam seus alcances como uma forma de pertencimento e de ação, sem a passividade com que se espera serem atendidos.

O pensamento das autoras veio corroborar com a escolha que fizeram sobre a inclusão, no caso da exibição do vídeo, deverá ser pensada não apenas do ponto de vista da deficiência, mas incorporar justamente a ideia de pertencimento, agregando diversos recursos sem excluir um em favor de outro. Certamente que numa comparação superficial, ao privarem as pessoas videntes das imagens, elas não estariam promovendo a inclusão, nem mesmo se prestariam a transmitir uma mensagem com qualidade e, portanto, a avaliação do trabalho estaria comprometida.

Após decidirem sobre a permanência das imagens na composição do vídeo, as autoras elaboraram um texto abordando as questões pertinentes à diversidade de gênero e de raça na escola. O texto é formado por blocos em parágrafo simples e um trecho em formato de poesia, contendo 5 versos. Optaram por transmitir uma mensagem de otimismo, ao valorizarem o conhecimento do outro e das suas diferenças como um compromisso firmado com a aprendizagem. Também se preocuparam em trazer a ideia sobre o combate à discriminação de gênero e de raça, contribuindo para redução das desigualdades e para a não violência. Tal entendimento inicia-se no espaço escolar, estendendo-se a toda sociedade. Os versos compreendem um entendimento mais subjetivo das autoras, sobre as diferenças e o preconceito oculto, manifestado por barreiras invisíveis, mas que também devem ser combatidos. A seguir reproduzem o texto elaborado:

Diversidade de Raça e Gênero na Escola

Conviver com o outro e respeitar como ele é. Esse é um desafio cada vez mais presente no mundo contemporâneo e que também reflete diretamente nas relações que ocorrem dentro da escola. É no ambiente escolar que as crianças, desde cedo, se deparam com todo o tipo de diferença, de raça, de gênero, de valores, de crenças, de religião, de etnia e de ritmos de aprendizagem. E é na escola também onde se aprende o respeito a diversidade como uma forma de se promover inclusão.

Incluir é pertencer ao universo do outro

É derrubar a barreira do preconceito

É enxergar a essência além do que se pode ver

É não julgar pelo parâmetro do normal e do perfeito.

Incluir também é promover o encontro de possibilidades comuns e singulares para construir conhecimentos.

Respeitar as diferenças é um compromisso que firmamos com a aprendizagem, na necessidade de olhar e conhecer cada um de maneira individual e todos ao mesmo tempo.

O combate à discriminação tem por objetivo contribuir para a não reprodução das desigualdades, a não violência, sem anular as diferenças que existem entre as pessoas.

A diversidade é uma dentre tantas riquezas da humanidade que torna o mundo mais interessante e repleto de aprendizagens. Por isso, seja você o espelho do que quer ver no mundo!

Que nas diferenças nasça o respeito e que o amor prevaleça sempre!

Durante a escrita do texto, as autoras foram discutindo sobre quais imagens caberiam dentro dos conceitos explanados, anotando algumas ideias. Foi assim que imaginaram fotografias de ícones negros, indígenas e figuras femininas importantes na história da humanidade mundial e brasileira, personalidades artísticas, esportivas, políticas, sociais, entre outras. Para a seleção das imagens na internet, contribuiu de forma marcante a autora que é vidente e que, por meio da audiodescrição, forneceu os detalhes contidos nas fotografias, conforme as diretrizes da tradução de imagens. Selecionaram algumas delas, tais como Paulo Freire, professor; Milton Santos, brasileiro Nobel de Geografia 1994; Machado de Assis, escritor brasileiro; Maria da Penha, símbolo da luta contra a violência; Caique Metukture, líder caiapó e ativista ambiental; Mahatma Gandhi, líder pacifista indiano; Cora Coralina, poetisa brasileira; além de imagens que retratam o cotidiano escolar vivenciado pelas crianças que, embora diferentes, pertencem àquela atmosfera de aprendizagens comuns e, ao mesmo tempo singulares. A partir das fotografias, as autoras construíram o roteiro de audiodescrição de cada imagem, transcrito no quadro 1, na ordem como aparecem no vídeo.

Quadro 1 – Roteiro de audiodescrição

TEMPO	SOM	AUDIODESCRIÇÃO
00min:00s – 00min:05s	Diversidade de raça e de gênero na escola.	Fundo preto e letra branca: Diversidade de raça e de gênero na escola.
00min:06s – 00min:20s	"Conviver com o outro e respeitar como ele é. Esse é um desafio cada vez mais presente no mundo contemporâneo e que também reflete diretamente nas relações que ocorrem dentro da escola."	fotografia de Maria da Penha, Milton Santos, Paulo Freire, Machado de Assis, Caique Raoni Metuktare.
00min:22s – 00min:34s	"É no ambiente escolar que as crianças, desde cedo, se deparam com todo o tipo de diferença: de raça, gênero, valores, crenças, religião, etnia e ritmos de aprendizagem."	Imagem em P&B: 1 olho claro com pele escura / 1 olho escuro com pele clara / 1 boca aberta e dentes separados / boca grande fechada / polegar / dedo médio / anelar / dedo mínimo / 1 barriga / 1 joelho / 1 dedão do pé.
00min:36s – 00min:44s	"E é na escola também onde se aprende o respeito à diversidade como uma forma de se promover inclusão."	Uma ciranda.
00min:46s - 01min:02s	"Incluir é pertencer ao universo do outro é derrubar a barreira do preconceito é enxergar a essência além do que se pode ver é não julgar pelo parâmetro do normal nem do perfeito."	Imagem do texto escrito à direita da foto de índio com cocar, olhar fixo, semblante fechado, queixo erguido e braço cruzado.
01min:03s – 01min:09s	"Incluir também é promover o encontro de possibilidades comuns e singulares para produzir conhecimentos."	aluno escreve com mão de professora sobre a dele
01min:10s – 01min:21s	"Respeitar as diferenças é um compromisso que firmamos com a aprendizagem, na necessidade de olhar e conhecer cada um de maneira individual e todos ao mesmo tempo."	jovens e adultos em sala de aula / alunos atravessam rio a pé / aula debaixo de uma palhoça / crianças em fila entram no ônibus sobre chão de terra
01min:24s – 01min:34s	"O combate à discriminação tem por objetivo contribuir para a não reprodução das desigualdades, para a não violência, sem anular as diferenças entre as pessoas."	no céu, à esquerda a lua, à direita o sol.
01min:38s – 01min:50s	"A diversidade é uma dentre tantas riquezas da humanidade que torna o mundo mais interessante e repleto de aprendizagens. Por isso, seja você o espelho daquilo que quer	Fotografias de Mahatma Gandhi; Cora Coralina; Dajmila Ribeiro.

	ver no mundo!"	
01min:52s – 01min:58s	"Que nas diferenças nasça o respeito e que o amor prevaleça sempre!"	crianças escrevem em cadernos, cabisbaixas.

Sequencialmente a escrita do texto e a seleção das imagens, a próxima etapa consistiu na gravação da voz para compor a trilha sonora do vídeo. A gravação foi feita com suporte de um celular, resultando em 2min:11s de duração. Para a trilha de audiodescrição, optaram em convidar uma locutora especialista, o que deixaria o recurso de acessibilidade ainda mais profissional pela clareza e também para diferenciar da voz da narração da trilha de som original do vídeo. O contato entre as autoras e a locutora deu-se por meio do correio eletrônico e a troca de mensagens consistiu na apresentação de ambas, bem como das justificativas do projeto e o envio do roteiro escrito de audiodescrição para ser locucionado por ela. Após dois dias, receberam os arquivos, em áudio, com a narração das fotografias conforme as autoras transcreveram. Em um total de 11 arquivos, um para cada bloco de imagem audiodescrita.

Os preparativos ainda não estavam finalizados. Também foi por meio das redes sociais que as autoras entraram em contato com uma intérprete de Libras, pois, apenas a audiodescrição não justificaria uma construção com acessibilidade. Forneceram-lhe o texto base e receberam dela, após quatro dias, o vídeo com a tradução gestual completa.

Coadunando com o pensamento as autoras, a comunicação eficaz deve contemplar as diferentes linguagens e atingir públicos que se beneficiariam de uma compreensão global do produto midiático, não sendo, portanto, um resultado fragmentado desses recursos. E embora durante a apresentação não haja alunos com deficiência auditiva como expectadores, caberia às autoras comprovar que, independente de qual tema for, a inclusão precisa se fazer visível no ambiente escolar. Tal temática geralmente só é percebida pela perspectiva da presença de estudantes com deficiência, por isso, quando eles chegam a esses espaços de construção de conhecimento quase nada está adaptado ou, pouco é pensado para atendê-los.

Com a posse de todos os instrumentos foi possível reunir os diferentes recursos em um único produto, convergindo áudio, vídeo, legenda, janela de libras e audiodescrição. A montagem do vídeo foi realizada através do *MovieMacker*, software gratuito de edição de vídeos do *Windows* e contou com os seguintes arquivos:

- Texto para legenda, em documento;
- Trilha original gravada em áudio, em MP3;
- Arquivos em mídia digital contendo as faixas narradas com audiodescrição, em MP3;
- Vídeo, sem som, contendo a tradução em Libras do texto da trilha original, em WMV;
- Fotografias selecionadas em repositórios de imagens na internet, nos formatos JPG e MPG.

O produto resultante da união dessas partes foi um vídeo-montagem com aproximadamente 3min:00s de duração, produzido num intervalo de 18 dias, desde a propositura até a apresentação coletiva, que se fará durante a última aula da referida disciplina como encerramento do primeiro semestre letivo. No ato da apresentação as autoras discorrerão sobre os motivos pelos quais fizeram as escolhas, exibindo o vídeo aos docentes da disciplina e aos demais colegas que, juntos, terão oportunidade de contemplar a mensagem comunicada, tirando suas conclusões particulares sobre o tema.

4. CONCLUSÃO

Ao propor uma comunicação que seja eficaz e que cumpra o objetivo da leitura coletiva, ao mesmo tempo que considere cada sujeito como pertencente a um espaço particular, as autoras fazem surgir a ideia de que a multiplicidade de recursos deve permear todo o processo interpretativo do espaço escolar.

A escolha das metodologias requer que se tenha clareza de que todos os estudantes conseguem aprender e que as necessidades individuais, em decorrência da deficiência, não consistem em obstáculos para o processo formativo, mas que ao pensar em “inclusão”, esta não deve fazer parte da atmosfera das salas de aula apenas na presença dos estudantes com alguma deficiência. A inclusão, manifestada através dos recursos de acessibilidade contidos no vídeo-montagem, consiste num entendimento interdisciplinar, que perpassa todos os temas que a envolve. As autoras sustentaram nesse trabalho que as ações inclusivas não se fazem presentes apenas nos temas

correlatos à elas, mas que sendo um atributo defendido como a oportunidade de pertencimento a um grupo, se faz necessário pensar no processo que a sustente. Por meio das diferentes linguagens foi possível comunicar a mensagem de maneira global.

Assim como anular um recurso em favorecimento de outro, a acessibilidade também não poderia ser praticada de maneira fragmentada, muito menos pela diferenciação das propostas porque alguém supostamente não seria capaz de realizá-las.

Incluir é, antes de mais nada, encontrar soluções coerentes num diálogo constante entre docentes e discentes. A elaboração do vídeo comprovou que é possível oportunizar a todos o acesso à informação sem quaisquer prejuízos de ambos os lados.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15.290. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_gen_ericco_imagens-filefield-description%5D_17.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BORGES, J. A. dos S. **Do Braille ao Dosvox: diferenças nas vidas dos cegos brasileiros**. 2009. 327 p. Tese (Doutorado)- UFRJ, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/textos/tese_antonio_borges.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017.

BERSCH, R. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil, 2008. Disponível em: <http://200.145.183.230/TA/4ed/material_apoio/modulo2/M2S1A5_Introducao_TA_Rita_Bersch.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2017.

GUEDES, D. M. Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a tutela da dignidade da pessoa humana. *Unisanta Law and Social Science*, v. 4, p. 32, 2015.

JANNUZZI, G. de M. **A Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. 235 p. Digitalizado.

JIMENEZ HURTADO, C. Una gramática local del guión audiodescrito. Desde la semântica a la pragmática de um nuevo tipo de tradução. *In: JIMENEZ HURTADO, C. (ed.) Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos*. nuevas modalidades de traducción audiovisual. Franckfurt: Peter Lang, 2007.

LIMA, F. J.; SILVA, J. A. O tato e suas implicações no ensino de desenhos a crianças cegas. *In*: SOUZA, O. S. H.. (Org.). **Itinerários da inclusão escolar**. Porto Alegre: ULBRA, 2008, p. 112-125.

MANTOAN, M. T. E. **Pensando e fazendo educação de qualidade**. São Paulo: Moderna, 2001. Digitalizado

MOLINA, L. M.; GIFFONI, J. A. **Diversidade de Gênero e de Raça na Escola**. 2017. Vídeo.

MOTTA, L. M. de M.. **Audiodescrição na Escola: Abrindo Caminhos para Leitura de Mundo**. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/pdf/a-audiodescricao-na-escola.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

ONU – Organização das Nações Unidas. *A ONU e as pessoas com deficiência*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**. Seesp/MEC: ano I, n. 1, out. 2005, p. 19-23.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos da defectologia**. Havana: Pueblo y Education, 1995. (completas, tomo 5). Digitalizado.